

## EDITORIAL

### Corpo e Discurso

Raul Albino Pacheco Filho



Um corpo humano é um acontecimento que ocorre como efeito da entrada de um ser humano no âmbito da linguagem e de suas relações com o simbólico e a cultura. Daí, que a Psicanálise, a Antropologia, a História e as Ciências Sociais, juntamente com a Filosofia e as Artes, tenham mais a dizer sobre ele do que a Biologia, que elegeu um objeto de estudo distinto: o organismo. Como diz Soler (2006 [2002]), tratar do corpo humano é abordar o corpo fabricado pela linguagem: “*corpsificado*”. Como tal, é um corpo subvertido, que não segue os ditames das funções orgânicas, mas sim a estrutura descontínua das pulsões, com sua fragmentação em zonas erógenas. *Trieb* (pulsão) e *Instinkt* (instinto) não são a mesma coisa, pois a sexualidade humana é social e não biológica, visando a transmissão de um nome (significante) e não a reprodução da espécie. Podemos dizer sem medo de errar que a *Trieb* faz laço social, pois trata-se do corpo do ser falante, cujo ponto de ruptura pode ser assinalado pelos rituais com que recebe cuidados mesmo depois de sua morte:

Quem não conhece o ponto crítico pelo qual datamos, no homem, o ser falante? – a sepultura, ou seja, o lugar onde se afirma de uma espécie que, ao contrário de qualquer outra, o cadáver preserva o que dava ao ser vivente o caráter: corpo. Permanece como *corpse*, não se transforma em carniça, o corpo que era habitado pela fala, que a linguagem *corpsificava*. (LACAN, 1970/2003, p. 407)

Referindo-se à teoria dos discursos de Lacan, Soler afirma: “o corpo é um acontecimento de discurso” (2006 [2002], p. 87). Ou, como diz Strauss na conferência publicada neste número de *A PESTE*:

Os discursos são maneiras de reter os corpos. (...) a retenção histórica, o roubo do corpo sexuado; a retenção do mestre, que mantém cativo o corpo do escravo do qual ele explora o saber-fazer; a retenção do universitário, que mantém cativo o sujeito com o diploma que pode lhe distinguir; a retenção do analista, enfim, sua abstenção a fazer intervir seu corpo na realidade da experiência. (STRAUSS, 2010, p. 504)

No artigo publicado no número anterior de *A PESTE*, Prates Pacheco lembrou a proposição foucaultiana de que não é apenas pela via da repressão e da proibição que os dispositivos sociais produzem efeitos de dominação sobre os corpos. “Não se trata, portanto, de negar o que ele [Foucault] chama de ‘hipótese repressiva’, mas de substituí-la por outra, muito mais sofisticada e complexa, que se refere à economia geral dos discursos (...)” (2010, p. 230). O que nos conduz a concluir com Ramos, no texto no qual ele apresenta, neste número de *A PESTE*, que “o corpo, assim, pode ser entendido como um objeto que concentra história” (2010, p. 324).

E o que pode nos contar o corpo do sujeito do capitalismo contemporâneo? Que ele é um corpo com uma carência essencial. Carência de ser envolvido pulsionalmente, como objeto, pelos outros sujeitos, pois as pulsões dos sujeitos, no capitalismo tardio, cada vez mais deslocam seus circuitos para envolver os objetos-mercadorias. Elas passam ao largo dos corpos dos outros sujeitos. Os objetos-mercadorias é que são os objetos mais-de-gozar no capitalismo contemporâneo. É por meio do consumo de mercadorias que se tenta forcluir a castração e se faz o semblante da possibilidade de realização absoluta do desejo e de restituição integral do gozo perdido em função da entrada em uma sociedade humana linguística. É por meio dos objetos-mercadorias que se exerce o domínio sobre os corpos e os gozos. É o que conhecemos, a partir da teorização de Marx sobre o fetichismo da mercadoria, como a substituição da fetichização das relações entre os sujeitos pela fetichização das relações entre as coisas, no capitalismo.

No II Colóquio Internacional “Práticas e Usos do Corpo na Modernidade”, realizado de 27 a 30 de outubro de 2010, no Instituto de Psicologia da USP, apresentei um trabalho em que propus que “a economia do corpo da contemporaneidade é consequência da articulação entre a infraestrutura econômica e a economia simbólica do capitalismo, levada ao limite paroxístico de sua aceleração.” (PACHECO FILHO, 2010, p. 37-38). Argumentei que a alienação estrutural e transistórica do sujeito e seu “encantamento” com os objetos se articulam, no capitalismo tardio, com o fetichismo da mercadoria e com a alienação contingente e histórica do sujeito por ela implicada, para produzir uma passagem do gozo produtor de mercadorias ao gozo do corpo-mercadoria. (p. 38). Vários dos artigos deste número de *A PESTE* exploram aspectos dessa nova “economia contemporânea do corpo”. Como diz um deles:

O corpo também é apanhado por essa dinâmica: não à toa vivemos um culto ao corpo, sinalizado, de um lado, pela proliferação de academias de ginástica e musculação, de produtos cosméticos milagrosos, de prescrições rígidas em torno do “saudável” e de técnicas cirúrgicas estéticas e, por outro, pelo aumento de casos de patologias ligadas à representação corporal, como a anorexia e a bulimia (FERNANDES, 2003). Nesse campo das “técnicas do corpo” (MAUSS, 1935), é patente também o aumento de casos de manipulação corporal, cujo espectro abrange desde tatuagens, escarificações e *piercings* até encenações mais complexas de intervenções artísticas e *body art*. (MOREIRA; SILVA JUNIOR & CAITANO, 2010, p. 396)

Porém, seria ilusório imaginar-se que o discurso capitalista é capaz de exercer de modo absoluto o seu domínio. O corpo desertificado de gozo é o corpo dominado pela civilização: pelo aparelhamento do discurso. Porém, algo sempre escapa e nem todo gozo é ordenado pelo discurso. Por isso, Lacan pode afirmar que o corpo é desertificado de gozo pelo significante, mas também pode sustentar que, para gozar, necessita-se de um corpo. E, “nesse corpo, ‘deserto de gozo’ que me dá a linguagem, é então o dizer que decide sobre os oásis de gozo que permanecem no *falasser*” (SOLER, 2010, p. 498-499).

Antes de concluir, devo registrar que uma contribuição especial para este número de *A PESTE* (nove artigos e duas resenhas) derivou-se dos resultados do projeto de pesquisa *Estudo comparativo internacional das marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo: funções das tatuagens e escarificações na economia psíquica dos jovens adultos*. Esta pesquisa, financiada pelo Programa Capes Cofecub nº 609/08, foi realizada pela colaboração de duas equipes, uma brasileira e uma francesa, respectivamente coordenadas pelos professores Nelson da Silva Junior e Christian Ingo Lenz Dunker (um dos editores associados de *A PESTE*), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e Alain Abelhauser, Jean-Luc Gaspard e Caroline Doucet do Laboratoire de Psychopathologie et Clinique Psychanalytique da Université Rennes 2. Ao longo de quatro anos, um número significativo de pesquisadores dos Laboratórios de Epistemologia Genética, Laboratório Jacques Lacan e do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfip-USP) desenvolveu pesquisas desde o nível de iniciação científica até pós-doutorado em torno dessa proposta. Seria certamente fora de propósito apresentar o inventário completo de todas essas produções neste editorial. Contudo, não poderíamos deixar de mencionar que a realização do já referido II Colóquio Internacional “Práticas e Usos do Corpo na Modernidade” foi um dos resultados mais importantes dessa frutífera

parceria, ocasião na qual os primeiros resultados dessas pesquisas puderam ser apresentados e confrontados com aqueles de outros pesquisadores que se dedicaram aos mesmos temas.

Termino, então, lembrando as palavras de Lacan no *Seminário 20: Mais, ainda*: “O real [...] é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” (1972-1973/1985, p. 178).

## Referências

- FERNANDES, Maria Helena (2003). *Corpo* (“Coleção Clínica Psicanalítica”). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- LACAN, Jacques (1970/2003) Radifonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 400-447, 2003.
- \_\_\_\_\_(1972-1973/1985) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MAUSS, M. (1935/2003). As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MOREIRA, Luiz Eduardo de Vasconcelos, SILVA JUNIOR, Nelson da & CAITANO, Daniele Silva (2010). O corpo como destino pulsional: sublimação e marcas corporais. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 395-406, jul./dez. 2010.
- PACHECO FILHO, Raul Albino (2010). “Lease your body”: a encantação do corpo e o fetichismo da mercadoria. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 37-45, dez. 2010.
- PRATES PACHECO, Ana Laura (2010). O corpo e os discursos: dominação e segregação nos laços encarnados. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 225-244, jul./dez. 2010.
- SOLER, Colette (2006 [2002]). *Los ensamblajes del cuerpo*. Medellín, Asociación Foros del Campo Lacaniano Medellín, 2006.
- \_\_\_\_\_(2010). *Do falasser*. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 497-501, jul./dez. 2010.
- STRAUSS, Marc (2010). O milagre da aranha. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 503-507, jul./dez. 2010.